



CIDADE (IN)VISÍVEL: OS CARNAVAIS DE GUAÍBA/RS COMO PRÁTICA DE SOCIABILIDADE URBANA DO CENTRO PARA OS BAIROS, DURANTE A DÉCADA DE 70

RICARDO FIGUEIRÓ CRUZ*

INTRODUÇÃO

O Carnaval é considerado uma das maiores festas do Brasil. Caracterizada pela multiplicidade de suas manifestações, trata-se de um evento nacional, mobilizando comunidades de Norte a Sul do país. Inserida em meados do século XVII no Brasil, as comemorações agitam desde os centros urbanos às pequenas vilas com diversas formas de manifestações culturais.

Guaíba, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, esta imbricada nessa e por essas manifestações. O carnaval do município na década de 70 vai ser um espaço de sociabilidade, onde pode-se pensar em um carnaval de rua e de clube, com uma ritualização, interação e dinâmica, entre os indivíduos que circulavam por esses espaços.

Com essa interação entre carnaval de rua e clube, vamos enunciar dentro dessa narrativa os principais clubes que esperavam e se preparavam para a receber parte dessa festa, e dessa forma sendo espaços importantes para a manutenção do carnaval no município.

O aporte teórico metodológico para a construção dessa discussão se dará a partir da História Cultural (PESAVENTO, 2005), Memória e Identidade (CANDAU, 2011), História Oral (FERREIRA, 2002) (ALBERTI, 2013), e os pressupostos da Antropologia Urbana (VELHO, 2011).

Este artigo tem por objetivo geral analisar os carnavais como prática de sociabilidade urbana do centro para o bairro, através de percursos, jornais e relatos, durante a década de 70. Tendo em vista que o carnaval é um espaço ritualístico de

Esta análise está dividida em três partes: ‘Guaíba/RS e seus carnavais’, objetivando apresentar a relação da cidade com o Carnaval; na sequência apresentamos ‘Carnavais: do

* Mestrando em Processos e Manifestações Culturais – Universidade FEEVALE/RS, sob orientação da professora Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha. Bolsista: Concessão de Incentivo Interno FEEVALE.

centro para o bairro’, com a intencionalidade de mostrar como se dá o carnaval na dinâmica urbana, quando se desloca do centro para o bairro.

1. GUAÍBA/RS E SEUS CARNAVAIS

Para observarmos a dinâmica da cidade de Guaíba, podemos elucidar uma breve e rápida história do município, pois está localizada às margens oeste do Rio Guaíba, e a vinte e cinco quilômetros da cidade e capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. A cidade pertence como distrito da capital, conquistando sua emancipação somente no ano de 1926. Desta forma essa cidade vai estar influenciada com a sua relação com a capital.



Figura 1 - Mapa da localização de Guaíba

Os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada. (PESAVENTO, 2008, p. 4)

Ao abordarmos a cidade como sendo lugar de história, apresentaremos uma breve localização e história da cidade, como forma de enunciar e introduzir essa cidade como narrativa, se faz necessário, pois a cidade é um espaço de memória, e os indivíduos que estão ligados a este espaço fazem parte dessa memória coletiva, pois o sujeito para Halbwachs (1990) é um sujeito atrelado ao coletivo, logo não há memórias individuais, mas coletivas.

“As cidades fascinam”, como mostra Pesavento (2007, p. 11), pois a cidade está entrelaçada por uma dinâmica e uma articulação social, que serve como propulsora da construção de uma memória e identidade.

[...] memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento identidade, pelo menos individualizado. (CANDAUI, 2011, p.19)

Neste sentido a formação da memória e identidade desta cidade está impregnada com sua história, que vai se constituir do centro para o bairro. Podemos pensar a formação de diversas entidades ligadas ao carnaval, e essas entidades vão ser importantes para a manutenção das relações sociais do carnaval.

TABELA 1 – INVENTÁRIO DE BLOCOS E CORDÕES CARNAVALESCO

	BLOCO OU CORDÃO	FUNDAÇÃO	CLUBE	BAIRRO	OBSERVAÇÃO
1	APACHES	1954			
2	AZ DE OUROS		VETERANOS	ERMO	
3	CARA DE PAU				
4	CARA SUJA				
5	COMANCHES		VETERANOS	ERMO	
6	CUSTOU MAIS SAIU	JANEIRO/1975		CENTRO	
7	DÁ NO PÉ	JANEIRO/1956	ITAPUÍ	CENTRO	
8	GENTE BEM				
9	JACARÉ TE ABRAÇA	DÉCADA DE 50	VETERANOS	ERMO	PARA CASAIS
10	MADUREIRA		MADUREIRA	VILA NOVA	
11	MANDA CHUVA DA FOLIA				
12	MANDINS	DÉCADA DE 40	MANDINS	CENTRO	
13	NAQUELA BASE				
14	OS BATUTAS				
15	OS GAMADOS				
16	OS INVASORES				
17	OS PIRATAS		VETERANOS		
18	PILANTRAS				
19	PRISIONEIROS	1967			
20	ÚLTIMA HORA	DÉCADA DE 50	VETERANOS	ERMO	
21	UNIDOS DO MORRO				
22	VAI QUEM QUER				
23	ZUERA	DEZEMBRO/1974	COMÉRCIO	CENTRO	

Fonte: o Autor.

A discussão aqui não é historicizar cada entidade, mas sim apresentar a existência das existentes que conseguem ter acesso (Tabela 1). Sendo assim, podemos perceber que temos a relação de alguns bairros, onde as entidades se formam, com isso percebemos a presença de clubes sociais (que será apresentado logo abaixo). Com isso observamos abaixo (Tabela 2), um inventário das Escolas de Samba, que se dará de forma semelhante aos dos Blocos e Cordões Carnavalescos. Neste inventário, destaco a agremiação Império Serrano, que é a única da década de 70, em atividade no contexto atual.

TABELA 2 – INVENTÁRIO DE ESCOLAS DE SAMBA

	ESCOLAS DE SAMBA	FUNDAÇÃO	BAIRRO	DESFILES	TÍTULOS	OBSERVAÇÃO
1	ADMIRADORES DO RITMO					
2	COHAB/SANTA RITA	DEZEMBRO/2008	COHAB/STA RITA	9 DESFILES	7 TÍTULOS	EM ATIVIDADE
3	ESTADO MAIOR DA COLINA	MAIO/1993	COLINA			EM ATIVIDADE
4	FAMÍLIA REAL					
5	FIGUEIRA					
6	IMPÉRIO SERRANO	NOVEMBRO/1971	ERMO		23 TÍTULOS	EM ATIVIDADE
7	INTEGRAÇÃO					
8	SAI DA FRENTE	MAIO/1982	CENTRO			
9	TRADIÇÃO	1989	FATIMA			
10	TREVO DE OURO					
11	UNIÃO DA VILA					
12	UNIDOS DA COLINA					

Fonte: o Autor.

A partir desta análise podemos perceber o quanto blocos ou cordões carnavalescos, e Escolas de Samba, estão entendidas dentro do contexto social urbano, que são atravessadas por trajetórias, e não por apenas uma instituição diferente. Por isso abarcamos dentro da Antropologia Urbana, onde podemos entender alguns deslocamentos dentro da cidade, e com isso traços aí deixados por pessoas que frequentaram e compuseram o carnaval e a memória dos seus frequentadores.

[...] apreender a cidade como matéria moldada pelas trajetórias humanas, e não apenas como mero traçado do deslocamento indiferente de um corpo no espaço, o antropólogo precisa recompor os traços aí deixados por homens e mulheres. (ROCHA e ECKERT, 2003)

2. CARNAVAIS: DO CENTRO PARA O BAIRRO

A concentração, desfile e disputa dos carnavais aconteciam na Rua São José, localizada no centro da cidade. Este espaço tinha uma relação muito forte com o espaço urbano, devido a sua localização na zona de comercial.

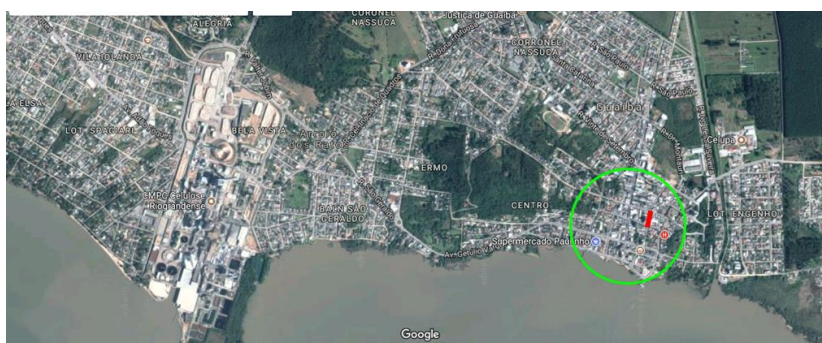


Figura 2 - Rua São José (vermelho)

Sendo assim, para Selau (2004) a técnica de história oral como metodologia contribui para o desenvolvimento de uma série de técnicas e procedimentos metodológicos que auxiliam a produção do conhecimento em história.

A concentração era na '7 setembro' e os blocos subiam a 'São José' até a 'Cônego'. Na esquina da 'Cônego' com a 'São José', ficava o palanque com as autoridades e os jurados. Era a subir, eles escolhiam ali porque era a região com o comércio. (CRUZ, Rubem – 30/06/2017)

Ao trazer a entrevista evidenciamos a relação da cidade com o carnaval, onde a rua, o centro da cidade é o grande palco da apresentação. Assim como podemos evidenciar nos jornais do período.

Como uma das formas de análise e metodologia desse estudo, é a utilização de jornais como fonte de investigação. Sendo assim, como nos mostra Luca (2005), na qual os periódicos são analisados e interpretados levando em consideração o maior número de elementos possíveis.

O estudo da fonte jornalística permitiu ampliar os horizontes para novas reflexões e problemáticas nos conhecimentos sobre as sociedades do passado. Segundo Capelato (1988, p.21):

A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres” mas também os sujeitos anônimos. O Jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de idéias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas.

Com isso percebe-se que a imprensa de Guaíba apresentava esse lugar como palco da festa, e de outras formas de sociabilidade que vai ser esperadas no desfile de carnaval. O fragmento retirado do livro abaixo exemplifica essa questão.

MISTÉRIO VAI TERMINAR NA SÃO JOSÉ

Hoje à noite, o público terá oportunidade de tirar todas as suas dúvidas. Durante mais de um mês as guerras se sucederam. As vezes em surdina, noutras quase fazendo explodir um verdadeiro caldeirão. É o carnaval que inicia, e que mostrará se o Dá No Pé está ou não quebrado, sem condições de reprisar os antigos primeiros lugares; o bloco da São José vem sendo o mais comentado, inclusive recebendo acusações – algumas veladas, outras bem diretas e abertas – de que estaria trazendo três alas de uma escola de Porto Alegre que desfilaria sob sua bandeira engrossando o contingente. Além disso, as acusações chegam mais longe. Elementos do bloco e sua diretoria teriam sido vistos em São Jerônimo contatando a vinda de carros alegóricos, que seriam trazidos altas horas da noite para a sede do Itapuí de forma a não despertar suspeitas. Para os demais blocos, o fato – se comprova – desvirtua o carnaval da cidade fazendo valer a lei do dinheiro contra a verdade do trabalho. Seus concorrentes ameaçam pedir a anulação da participação do Dá No Pé se isso acontecer.

Por seu lado, outro que desgostou muita gente foi o Manda Chuva da Folia. As escolas do Ermo ficaram queixosas com o presidente Valdir Soares que conseguiu arregimentar mais de 30 bateristas entre os do Império, Admiradores e Figueira. De última hora, o Império levou um elemento da bateria novamente para sua casa.

Enfim, haveriam muitas histórias para contar mas tudo isso o público poderá conferir de pertinho hoje e segunda, a partir das 21 horas. Amanhã, domingo, o embalo ficará por conta de três blocos de fora: Bafo da Onça, de Barra do Ribeiro; Diplomatas do Samba, de Alvorada e Tribo Carnavalesca Os Aymorés. (JORNAL O GUAÍBA, 24/02/1979 – nº 250 – grifo do autor)

Quando o carnaval findava na rua, ele era “transferido” para o clube, onde a festa continuava. Podemos perceber isso na fala do Sr. Rubem, que ele relata os passos que eram dados após terminar o desfile de rua.

Quando terminava o Carnaval na ‘São José’ íamos para algum Clube, alguns Blocos eram de Clubes, como o Dá No Pé, era o dos ricos, eles eram do Itapuí. O nosso era

o Custou, não éramos ligados a Clube, mas íamos para o Clube da Celupa. (CRUZ, Rubem – 30/06/2017)

Para DaMatta (1997), o “carnaval de rua”, é uma oposição ou um contraste com um “carnaval de clube”. Na rua, o carnaval assume um encontro aberto, dominado no Rio de Janeiro, pelo desfile das escolas de samba, e um contraponto é os carnavais de clubes, pois se trata de um ambiente mais marcado, pois o próprio espaço físico é privado. Mas essa ideia não pode ser levada de forma engessada, ainda segundo o autor, os desfiles de escolas de samba ou de blocos provocam um fechamento do espaço carnavalesco, já que temos associações de pessoas que se reúnem para promover os desfiles.

Pela mesma lógica, no “carnaval de clube” o fechamento é muito relativo. Primeiro porque os ingressos são sempre comprados, como é típico do carnaval, já que os clubes fechados e exclusivos deixam de reunir-se por meio de convites que seguem a mesma lógica política social moral para serem dominados pelo plano econômico que, no carnaval, se torna abertamente abrangente. (DAMATTA, 1997, p. 109)

Essa relação de continuidade do carnaval no clube, também era representada no jornal, pois a sociabilidade¹ da cidade se mantêm nos espaços privados, e isso era um fator importante para a disputa do público pelos clubes, como apresenta dos jornais.

SABA

A única nota destoante nos da SABA foi dada mesmo pelo conjunto, muito longe de ser o que o grande público esperava. A impressão é de que todos pensam que, quem vai a um baile de carnaval só pensa em pular, não se importante com o som. O que não é verdade. No mais, na SABA, um grande público, muita garota bonita, cerveja e uísque. (JORNAL *O GUAÍBA*, 06/03/1976 – nº 105)

MADUREIRA

A Sociedade da Cel. Nassuca, o Madureira, realizou um grande carnaval. Foram três bailes coroados de êxito e a alegria imperou. Os Admiradores do Ritmo e o Império Serrano brincaram no Madureira e o Império como vencedor do carnaval da cidade, mostrou, no Clube, que não é bom só para o povo ver. (JORNAL *O GUAÍBA*, 06/03/1976 – nº 105)

¹ Uma cidade é sempre, sobretudo, sociabilidade, pois não é possível pensá-la sem atores, sem relações sociais, sem interação. A cidade é sempre obra de homens e só se realiza na coletividade. (PESAVENTO, 2004)



Figura 3 - Mapa com a relação dos Clubes da cidade

Os clubes estão alocados em diferentes bairros e vai ser para onde os foliões vão migrar. Ao pensar nesses clubes, hoje, temos somente dois em funcionamento, mas não realizam mais bailes de carnaval, que é o Clube Veteranos, e o Clube Itapuí. O Clube do Comércio é a atual sede do poder legislativo do município, e os demais não existe mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise deste trabalho podemos perceber a importância do centro da cidade nesse cenário carnavalesco, pois a organização do carnaval vai estar extremamente relacionada ao comércio, ou seja, localizado no centro da cidade. O interessante para pensar, é a dinâmica do deslocamento da festa após o término do carnaval de rua, onde se concentra maior público para os demais espaços privados.

Dentro desse cenário podemos pensar a relação do Centro sendo a parte visível da cidade, onde a competitividade estava evidenciada pela imprensa, público, autoridades e jurados, desta forma podem definir a relação do carnaval visível, sendo o competitivo de rua. Por outro lado, temos o carnaval de clube, que é para onde migravam os foliões quando se



terminava o carnaval de rua, os componentes saíam de um ambiente público e iam para um ambiente privado, tornando o carnaval invisível para determinados seguimentos da população.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**. Rio de Janeiro: p. 314-332, dezembro de 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imagináveis. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, 2007.

_____. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico**, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008.

_____. A construção de uma Porto Alegre imaginária - uma cidade entre a memória e a história. In.: GRIJÓ, Luiz Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo. (Orgs.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ROCHA, Ana Luiza CARvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Illuminuras**. v. 4. nº 7. 2003.

SELAU, Maurício da Silva. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Esboços**. Florianópolis: v. 11, nº 11, p. 219-228, 2004.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia, problemas e práticas**, n.º 59, 2009, pp.11-18



_____. Antropologia Urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. **Mana**. 2011

Jornais:

O GUAÍBA, 15/02/1975 – nº 84

O GUAÍBA, 06/03/1976 – nº 105

O GUAÍBA, 24/02/1979 – nº 250

Zero Hora , 16 de março de 1972

Entrevistas:

Rubem José Souza Cruz – realizada por Ricardo Figueiró Cruz, no dia 30 de junho de 2017, em sua residência.